

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE *Ficus insipida* Willd. (caxinguba) UTILIZADO
PELA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE NOVA JESUANEIA NO MUNICÍPIO DE
AMATURÁ-AM**

TABATINGA – AM
2025

EDJAN DOS SANTOS GUIMARÃES

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE *Ficus insipida* Willd. (caxinguba) UTILIZADO
PELA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE NOVA JESUANEIA NO MUNICÍPIO DE
AMATURÁ-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, da Universidade do Estado do Amazonas (CETB/UEA), como requisito parcial para Obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria del Pilar Diaz de Garcia.

ORIENTADORA: Dr.: Maria Del Pilar Diaz de Garcia

TABATINGA - AM
2025



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ATA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

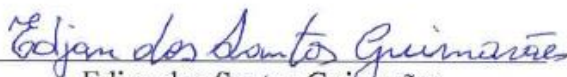
EDJAN DOS SANTOS GUIMARÃES

ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE *Ficus insipida* Wild. (CAXINGUBA) UTILIZADO PELA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE NOVA JESUANEIA MUNICÍPIO DE AMATURÁ – AM

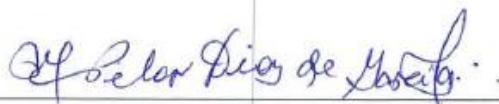
Aos vinte e seis dias (26) dias do mês de junho de dois mil e vinte e cinco, o aluno acima citado foi avaliado pela Comissão de Avaliação composta por Dra. Maria Del Pilar Diaz de Garcia - Presidente, Dra. Cristiane Suely Melo de Carvalho – Membro e Esp. Gilseles Magalhães dos Santos – Membro.

Aprovado aos 26 dias de junho de 2025

TIPO DE AVALIAÇÃO	NOTA DOS AVALIADORES			MÉDIAS
	1º Avaliador	2º Avaliador	3º Avaliador	
ESCRITA	9,0	8,3	10,0	9,1
ORAL	9,0	10	9,5	9,5
NOTA FINAL (MÉDIA FINAL)				9,3



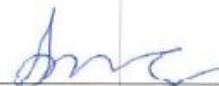
Edjan dos Santos Guimarães
Aluno



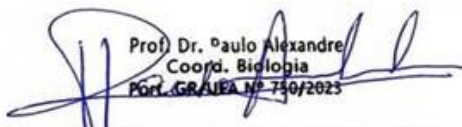
Dra. Maria Del Pilar Diaz de Garcia
1ª Avaliadora



Dra. Cristiane Suely Melo de Carvalho
2ª Avaliadora



Esp. Gilseles Magalhães dos Santos
3ª Avaliadora


Prof. Dr. Paulo Alexandre
Coord. Biologia
Port. GRA/UEA Nº 750/2025

Dr. Paulo Alexandre Lima Santiago
Coordenador do Curso de Ciências Biológicas

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

G963e Guimarães, Edjan dos Santos
 Estudo Etnobotânico de *Ficus insipida* Willd. (caxinguba) utilizado
 pela população da comunidade nova Jesuanea no município de
 Amaturá - Am / Edjan dos Santos Guimarães . Manaus : [s.n], 2025.
 50 f.: color.; 21,0 cm.

 TCC - Graduação em Ciências Biológicas- Licenciatura-
 Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
 Inclui Bibliografia.
 Inclui Anexo.
 Orientador: Garcia, Maria Del Pilar Diaz de .

 1. Amazônia. 2. Etnobotânica. 3. *Ficus insipida* Willd. 4. Saberes
 tradicionais. 5. Uso mediccinal. I. Garcia, Maria Del Pilar Diaz de
 (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)57

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com muito carinho e gratidão, à minha família, a minha mãe Maria de Jesus Guimarães, meu pai Aladir dos Santos, minhas irmãs Priscila e Elizete, por ser meu alicerce em todos os momentos. Pelo amor, paciência, apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim, mesmo diante das dificuldades.

Aos meus amigos, que estiveram presentes durante essa jornada, oferecendo palavras de incentivo, escuta atenta e companheirismo verdadeiro. Obrigado por tornarem essa caminhada mais leve e significativa.

A cada um de vocês, compartilho esta conquista como parte de um sonho que não teria sido possível sem o apoio e a presença de pessoas tão especiais.

Aos moradores da comunidade Nova Jesuanea pertencente ao município de Amaturá, que contribuíram de forma direta para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a minha fonte inesgotável de força, luz e sabedoria. Sem a Sua presença em minha vida, nada disso teria sido possível. A Ele, toda a minha gratidão por me sustentar nas dificuldades e me permitir chegar até aqui.

À minha família, pelo amor incondicional, apoio constante e por sempre acreditarem em mim. Em cada gesto de carinho, incentivo e compreensão, encontrei o suporte necessário para seguir firme nesta caminhada. Vocês são a base de tudo o que conquisei.

À Universidade do Estado do Amazonas – UEA, por oferecer uma formação acadêmica comprometida com a realidade amazônica e por me proporcionar a oportunidade de crescer não apenas como estudante, mas também como cidadão consciente do meu papel na sociedade.

Aos amigos que estiveram ao meu lado durante a graduação, nos momentos de estudo e também nas pausas necessárias. Obrigado por compartilharem essa jornada comigo, tornando os dias mais leves e os desafios mais suportáveis.

Aos professores da UEA, pelo compromisso, dedicação e pelo exemplo que transmitiram ao longo do curso. Agradeço em especial a professora Dra. Maria Del Pilar Diaz de Garcia, pela orientação, paciência e contribuições valiosas na construção deste trabalho.

À comunidade Nova Jesuanea, no município de Amaturá-AM, meu profundo agradecimento por acolher esta pesquisa com respeito e generosidade. Cada partilha, relato e gesto de confiança foi essencial para a realização deste estudo etnobotânico.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Marthin Luther King

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo etnobotânico sobre *Ficus insipida* Willd. (caxinguba), uma espécie nativa da região amazônica, com enfoque em sua utilização pela população da comunidade Nova Jesuanea. O objetivo principal foi investigar o uso tradicional da *Ficus insipida* Willd. (caxinguba), destacando os saberes locais, as práticas terapêuticas e as aplicações culturais entre os moradores da comunidade Nova Jesuanea, no município de Amaturá-AM. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores locais, especialmente com os mais velhos e detentores de conhecimentos tradicionais. Os resultados demonstraram que *Ficus insipida* Willd. é amplamente reconhecida na comunidade por suas propriedades medicinais, sendo empregada no tratamento de afecções respiratórias, distúrbios digestivos e como agente cicatrizante. Além dos usos medicinais, também foram identificadas aplicações não medicinais, como a confecção de artefatos e a utilização de partes da planta em rituais culturais. A pesquisa evidencia a importância da preservação do conhecimento tradicional e da biodiversidade local, ressaltando a valorização das práticas populares e a promoção do uso sustentável dos recursos naturais.

Palavras-chave: Etnobotânica; *Ficus insipida* Willd.; saberes tradicionais; uso medicinal; Amazônia.

RESUMEN

Este trabajo presenta un estudio etnobotánico sobre *Ficus insipida* Willd., especie nativa de la región amazónica, centrándose en su uso por la población de la comunidad de Nova Jesuanea. El objetivo principal fue documentar el conocimiento tradicional asociado con la planta, incluidos sus usos medicinales, alimentares y culturales. Para ello, se realizaron entrevistas semiestructuradas a residentes locales, especialmente a aquellos más ancianos y con mayor conocimiento de las prácticas tradicionales. Los resultados demostraron que *Ficus insipida* Willd es ampliamente reconocido en la comunidad por sus propiedades medicinales, siendo utilizado en el tratamiento de afecciones respiratorias, problemas digestivos y como cicatrizante. Además, se identificaron usos no medicinales, como la producción de artefactos y el uso de partes de la planta en rituales culturales. La investigación destaca la importancia de preservar el conocimiento tradicional y la biodiversidad local, evidenciando la necesidad de políticas públicas que valoren las prácticas populares y promuevan el uso sostenible de los recursos naturales.

Palabras clave: Etnobotánica; *Ficus insipida* Willd.; conocimiento tradicional; uso medicinal; Amazonía.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Mapa da distribuição geográfica de <i>Ficus insipida</i> Willd.....	24
Figura 02. Imagem do município de Amaturá destacado em vermelho.....	26
Figura 03. Imagem de satélite comunidade Nova Jesuanea.....	27
Figura 04. Frente da comunidade Nova Jesuanea	27
Figura 05. Árvore de <i>Ficus insipida</i> Willd	30
Figura 06. Frutos da <i>Ficus insipida</i> Willd. A. Frutos fechados. B. Frutos abertos.....	30
Figura 07. Aplicação do questionário com os moradores da comunidade	31
Figura 08. Realização de incisões da casca de <i>Ficus insipida</i> Willd. (caxinguba)	33
Figura 09. Látex de <i>Ficus insipida</i> Willd. (caxinguba)	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	33
-----------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Conhecimento da planta <i>Ficus insipida</i> Willd. “caxinguba” pelas famílias entrevistadas.	36
Gráfico 02. Sobre a faixa etária predominante no uso da “caxinguba”	36
Gráfico 03. Sobre a forma de utilização da “caxinguba”	37
Gráfico 04. Por influência de quem você começou a fazer o uso desta planta?”	38
Gráfico 05. Finalidade do uso da caxinguba, segundo os entrevistados.....	38
Gráfico 06. Percepção sobre a eficácia da caxinguba como vermífugo.....	39
Gráfico 07. Quantidade de doses diárias utilizadas pelos moradores da comunidade Nova Jesuanea.....	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. OBJETIVOS.....	16
2.1 Objetivo geral.....	16
2.2 Objetivos específicos.....	16
3. REFERENCIAL TEORICO.....	17
3.1 Uso de plantas medicinais e importância do conhecimento tradicional.....	20
3.2 Conhecimento tradicional.....	21
3.3 População Tradicional.....	22
3.4 Etnobotânica.....	23
3.5 Distribuição geográfica de <i>Ficus insipida</i> Willd.	24
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	25
4.1 Área de estudos.....	25
4.2 Histórico da comunidade Nova Jesuanea	26
4.3 Metodologia	28
4.4 Coletas de dados.....	28
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
6.1 Características Botânicas da Família <i>Moraceae</i>	29
6.2 Características da espécie.....	29
6.3 Para a classificação taxonômica, foi utilizado segundo a classificação de Cronquist (1981).....	31
6.4. Entrevistas à comunidade Nova Jesuanea	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	48

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata do estudo etnobotânico de *Ficus insipida* Willd., popularmente conhecida como caxinguba, planta utilizada pela população da comunidade Nova Jesuanea localizada no município de Amaturá, no estado do Amazonas.

A caxinguba é uma árvore nativa da região amazônica e amplamente distribuída pelas regiões tropicais das Américas, desempenhando múltiplos papéis ecológicos, econômicos e culturais. Na Amazonia brasileira, populações tradicionais fazem uso da caxinguba para diversos fins, especialmente medicinais, alimentares e culturais, incluindo práticas espirituais (Martins, 2005).

A etnobotânica é a ciência que estuda a relação entre os seres humanos e as plantas, com ênfase no conhecimento tradicional associado ao uso de recursos vegetais. Segundo Martins (2005, apud Vásquez et al., 2014, p. 458), é através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades. Dessa forma, a etnobotânica permite o registro e a valorização dos saberes populares, muitos deles mantidos por meio da tradição oral e da vivência direta com o ambiente.

As populações amazônicas mantêm uma relação simbiótica com a floresta, extraíndo dela recursos essenciais para sua sobrevivência. Entre esses recursos, destacam-se as plantas medicinais, que têm sido utilizadas há séculos no tratamento de diversas enfermidades. Esses saberes tradicionais foram ajustados por influências indígenas, africanas e europeias, compondo um mosaico cultural que se reflete no uso da biodiversidade local. (Vásquez et al. 2014).

A comunidade Nova Jesuanea, situada na região do Alto Solimões, oferece um contexto único para estudos etnobotânicos, devido à sua localização remota, à intensa interação com o ambiente e ao vasto conhecimento tradicional acumulado. Investigar o uso da caxinguba nessa comunidade contribui não apenas para a preservação da biodiversidade, mas também para o registro e valorização do conhecimento tradicional local.

A escolha por estudar *Ficus insipida* Willd. (caxinguba) justifica-se por sua reconhecida importância ecológica e cultural na Amazônia, especialmente na comunidade Nova Jesuanea. Em um cenário de crescente degradação cultural e ambiental, torna-se urgente demonstrar e valorizar os saberes tradicionais

relacionados ao uso de plantas medicinais, que muitas vezes representam o único recurso terapêutico acessível a comunidades remotas.

Além disso, o conhecimento tradicional pode subsidiar pesquisas científicas em áreas como farmacologia, conservação ambiental, saúde pública e educação ambiental, promovendo a integração entre o saber científico e o conhecimento popular. Este trabalho, portanto, busca contribuir para a valorização da cultura local, a preservação da biodiversidade e o fortalecimento da identidade cultural amazônica.

Segundo Diegues (2000), apesar da imensa riqueza vegetal presente na região, a conservação e o uso sustentável da flora amazônica ainda representam grandes desafios, sobretudo em áreas de elevada biodiversidade. Portanto, estudos como este são fundamentais para a construção de estratégias de educação ambiental, uso sustentável dos recursos naturais e formulação de políticas públicas que integrem o saber tradicional com práticas científicas.

Este estudo tem como objetivo compreender como o conhecimento tradicional sobre a caxinguba é construído, transmitido e utilizado no contexto da comunidade estudada.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Estudar a planta *Ficus Insipida* Willd. (caxinguba) com enfoque em seus usos tradicionais e aplicações terapêuticas, pela população da comunidade Nova Jesuanea no Município de Amaturá-AM.

2.2 Objetivos Específicos

- Realizar o levantamento botânico de *Ficus Insipida* Willd. (caxinguba).
- Identificar a espécie em estudo.
- Descrever suas características morfológicas da família, gênero e espécie.
- Realizar entrevistas através de questionários semiestruturados.
- Identificar e catalogar os diferentes preparados e formas de utilização da caxinguba, bem como as partes da planta utilizadas e o método de preparação utilizados pelos moradores locais.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A etnobotânica é um campo interdisciplinar que estuda e interpreta o conhecimento tradicional, a significação cultural, o manejo e os usos de elementos da flora por sociedades humanas, passadas e presentes (Caballero, 1979). Também envolve a análise das interações ecológicas, genéticas, evolutivas e simbólicas entre os seres humanos e as plantas (Alexiades, 1996). Segundo Almassy JR. (2004), a etnobotânica busca compreender, junto às comunidades tradicionais, as relações entre o ser humano e o ambiente, bem como resgatar as estratégias de manejo vegetal que garantiram sua sobrevivência ao longo do tempo.

Estudos etnobotânicos têm relevância especial no Brasil, uma vez que o país abriga uma das floras mais diversas do planeta, com 99,6% de suas espécies ainda não estudadas do ponto de vista químico (Gotlieb *et al.*, 1996). Essa diversidade representa um enorme potencial para a descoberta de compostos bioativos e novas terapias. Nesse sentido, a etnobotânica se destaca como um atalho promissor para o desenvolvimento de novos fármacos, ao traduzir saberes tradicionais para a linguagem científica (Elisabetsky, 1999).

Além do aspecto medicinal, a etnobotânica contribui significativamente para a resolução de problemas ambientais contemporâneos, envolvendo temas como a preservação da biodiversidade, a produção de fibras naturais, a segurança alimentar, a valorização da soberania cultural e o uso sustentável dos recursos (Tomchinsky *et al.*, 2013).

De acordo com pereira e Diegues (2010), o uso sustentável dos recursos naturais vem sendo cada vez mais incentivado, principalmente diante da demanda global por proteção ambiental e do crescimento de correntes ambientalistas que reconhecem o papel central das populações tradicionais. Essas comunidades, por estarem diretamente integradas ao ambiente, passaram a ser consideradas protagonistas na conservação dos ecossistemas onde vivem.

Na Amazônia brasileira, ainda se encontram comunidades indígenas e tradicionais que mantêm o uso de plantas medicinais no processo saúde-doença. Esses saberes, transmitidos oralmente entre gerações, envolvem não apenas o conhecimento botânico, mas também aspectos culturais e étnicos do manejo da fitoterapia. Segundo Vásquez *et al.* (2014), estima-se que a floresta amazônica, com aproximadamente 4 milhões de km², abrigue cerca de 30.000 espécies de plantas,

das quais um terço seriam medicinais e/ou aromáticas. Dessas, 70% são utilizadas como medicamentos pela população local. No entanto, apenas cerca de 8% da flora brasileira foi estudada quanto à presença de compostos bioativos.

Casagrande (2009) destaca que a etnobotânica permite a integração de diversos campos da botânica, rompendo com o paradigma científico que separa de forma rígida as áreas do conhecimento. O fortalecimento deste campo de estudo promove a realização de pesquisas voltadas à conservação ambiental e cultural, associadas ao desenvolvimento sustentável em nível local.

As diferentes formas de uso das plantas medicinais em comunidades amazônicas constituem um importante campo de estudo da etnobotânica, contribuindo para a valorização dos saberes tradicionais e do manejo de espécies com potencial terapêutico (Cajaiba *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018). Esses conhecimentos são, em geral, transmitidos oralmente de geração em geração, uma vez que, nessas comunidades, não há o hábito de registrar por escrito a produção, os usos ou os tempos relacionados às atividades com as plantas (Silva *et al.*, 2018; de Sousa *et al.*, 2019).

De acordo com Pereira e Diegues (2010), o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, define no Artigo 3º o termo “povos e comunidades tradicionais” como:

I – Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007).

Em comunidades distantes dos centros urbanos, a fito farmacopéia local frequentemente constitui a principal fonte de cuidados com a saúde. Nesse contexto, os erveiros, benzedores, parteiras e curandeiros assumem papel central, detendo profundo conhecimento sobre o cultivo, indicações e formas de preparo das plantas medicinais (Freitas *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2018). Eles atuam como verdadeiros guardiões da memória coletiva, pois o uso de um remédio caseiro envolve múltiplos saberes: identificar a planta, localizar e coletar, saber como preparar, qual o modo e tempo de uso, e, em alguns casos, associar práticas espirituais como a “benzeção” ao tratamento, especialmente em doenças de cunho espiritual (Lobato *et al.*, 2017).

A etnobotânica, nesse sentido, investiga como diferentes grupos humanos interagem com as plantas. Uma de suas abordagens mais recentes é a análise do potencial econômico dos ecossistemas naturais, especialmente para uso medicinal

(Araújo, 1998). O conhecimento tradicional é extenso e, muitas vezes, constitui o único recurso terapêutico disponível às populações rurais de países em desenvolvimento. As plantas medicinais quase sempre aparecem em posição de destaque nas pesquisas etnobotânicas, refletindo sua importância nas culturas locais (Pasa *et al.*, 2005).

Nesse cenário, pesquisas etnobotânicas que registram o uso de plantas medicinais por comunidades tradicionais são essenciais, especialmente diante da atual perda acelerada desses conhecimentos. Tal perda ocorre tanto pela destruição dos habitats naturais quanto pela falta de interesse das novas gerações em aprender e preservar essas práticas (Lisboa *et al.*, 2006).

A etnobotânica é uma ciência fundamental, pois investiga as interações entre os seres humanos e as plantas. Busca compreender como uma determinada população percebe, utiliza e transmite os saberes sobre o uso medicinal das plantas, revelando o nível de conhecimento existente, os tratamentos realizados com remédios caseiros e as enfermidades mais frequentemente tratadas. O uso intensivo de plantas medicinais na Amazônia deve-se à riqueza e diversidade de espécies da flora nativa (Alcorn, 1995).

Ford (1978) define a etnobotânica como o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas. Em complemento, Alcorn (1995) considera que essas interações ocorrem em sistemas dinâmicos e abrangem não apenas os aspectos ecológicos e genéticos, mas também os simbólicos e culturais. Para Martin (1995), trata-se de uma investigação participativa que envolve a integração ativa do pesquisador na análise dos aspectos sociais, econômicos e culturais relacionados ao uso das plantas. Seu caráter interdisciplinar permite abordar diversos tópicos, combinando saberes ambientais e culturais com as formas de aproveitamento das plantas (Alcorn, 1995; Albuquerque, 2005; Oliveira *et al.*, 2009).

Nesse sentido, a etnobotânica permite não apenas conhecer o perfil de uma comunidade em relação ao uso das plantas, como também valorizar seus costumes e extrair informações relevantes para a saúde pública (Martins *et al.*, 2005).

A entrevista é uma das principais ferramentas de coleta de dados em pesquisas etnobotânicas (Albuquerque *et al.*, 2008b). Para seleção dos participantes, uma técnica frequentemente utilizada é a “bola de neve” (*snowball*), que consiste em iniciar a pesquisa com um especialista local indicado pela comunidade, o qual, por sua vez, recomenda outros especialistas sucessivamente (Albuquerque *et al.*, 2008a).

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, cerca de 80% da população mundial utiliza algum tipo de planta medicinal (OMS, 2019). Esse panorama reforça a importância de se ampliar o conhecimento e a educação sobre o uso seguro e eficaz dessas plantas, promovendo seu reconhecimento dentro da atenção primária à saúde e fortalecendo práticas que empoderem as populações no cuidado com sua própria saúde.

3.1. Uso de Plantas Medicinais e Importância do Conhecimento Tradicional

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no ano 2000, divulgou dados indicando que cerca de 80% da população mundial faz uso de algum tipo de planta medicinal para aliviar sintomas dolorosos. Desde então, a OMS tem empreendido esforços no sentido de realizar estudos com espécies consagradas pela medicina popular, com o objetivo de validá-las cientificamente e prevenir seu uso indiscriminado (OMS, 2000; Pinto *et al.*, 2002; WHO, 2003).

As plantas medicinais possuem, em sua composição, substâncias químicas biologicamente sintetizadas a partir de nutrientes, água e luz. Essas substâncias provocam reações nos organismos animais que podem levar à cura ou ao alívio de doenças, por meio da ação de princípios ativos como alcaloides, glicosídeos, saponinas, entre outros (Rodrigues; Carvalho, 2001).

Para Amoroso e Gely (1988):

Planta medicinal é toda a espécie vegetal que tenha valor curativo para determinada comunidade, ou seja, que possua propriedades - reais ou imaginárias - utilizadas para fins específicos de cura. Essas plantas são empregadas na prevenção, tratamento e cura de distúrbios, disfunções ou doenças em seres humanos e animais. O conhecimento sobre seus usos e virtudes terapêuticas foi acumulado ao longo dos séculos e muito dele permanece disponível atualmente. A ciência moderna tem utilizado esse saber empírico como base para novas pesquisas. tem se valido de tal conhecimento no desenvolvimento de novas pesquisas.

As investigações com plantas medicinais abrangem diversas áreas do conhecimento, como: medicina tradicional e popular (etnobotânica); isolamento e caracterização de princípios ativos (fitoquímica); investigação farmacológica de extratos e compostos isolados (farmacologia); transformações químicas de ativos naturais (química orgânica sintética); estudo da estrutura química e atividade biológica (química medicinal); e desenvolvimento de formulações fitoterápicas (farmacotécnica).

Conforme:

Di stasi *et al.*(2002), o conhecimento tradicional é fundamental não apenas para a conservação das culturas e ecossistemas, mas também como base

para a seleção de plantas com potencial para investigações fitoquímicas, farmacológicas e toxicológica.

Além disso, abordagens quantitativas têm ganhado espaço em estudos etnobotânicos recentes, principalmente para avaliar a importância relativa das espécies vegetais dentro de uma determinada cultura (Silva *et al.*, 2008; Cassino, 2010). Tais abordagens complementam os dados qualitativos, ampliando a compreensão sobre a diversidade de usos e significados atribuídos às plantas medicinais (Amorozo; Viertler, 2008).

A espécie *Ficus insipida* Willd., conhecida popularmente como caxinguba, é uma planta pioneira com ocorrência nos estados do Acre, Amazonas, Pará e Rondônia, além de outros países da região neotropical. É encontrada em ambientes de floresta de terra firme e floresta ombrófila densa (ou pluvial). Trata-se de uma árvore que atinge entre 10 e 30 metros de altura, com copa bem distribuída, caule glabro de 40 a 70 cm de diâmetro, folhas elípticas com base e ápice agudos. Seus frutos, do tipo sicônio, são globosos, de coloração verde, com sementes pequenas e numerosas (Menezes, 2007; Pederneiras; Machado; Santos, 2022).

Dada a relevância do conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais, evidenciada por diversos estudos etnobotânicos no Brasil, torna-se imprescindível documentar, preservar e valorizar esses saberes locais. Tais práticas populares, muitas vezes transmitidas exclusivamente por via oral, seguem desempenhando papel essencial na atenção primária à saúde, sobretudo em comunidades rurais, ribeirinhas e indígenas (Diegues, 2000).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo realizar uma investigação etnobotânica da *Ficus insipida* Willd. (caxinguba), planta nativa amplamente utilizada pelos moradores da comunidade Nova Jesuanea, situada no município de Amaturá-AM. Busca-se compreender os usos tradicionais, formas de preparo e o valor sociocultural atribuído a essa espécie no cotidiano local, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural amazônica e para o uso sustentável da biodiversidade.

3.2. Conhecimento tradicional

O conhecimento tradicional refere-se ao conjunto de práticas, saberes e experiências acumuladas por uma sociedade ao longo do tempo, resultantes de seus valores, crenças, descobertas e vivências. Segundo Posey (1996), os resultados

dessas experiências compõem o acervo cultural de um povo, representando um saber construído com base na observação, na experimentação e na interação com o meio ambiente.

Para Diegues (2000), o conhecimento tradicional pode ser definido como o conjunto de saberes e práticas relacionados ao mundo natural e sobrenatural, transmitidos oralmente de geração em geração. Trata-se de um sistema dinâmico, constantemente adaptado e recriado, que envolve não apenas o conhecimento técnico, mas também elementos simbólicos, espirituais e sociais.

A existência desse saber cultural é tão relevante para a humanidade quanto a diversidade biológica é para os seres vivos, constituindo, portanto, um patrimônio comum da humanidade que deve ser reconhecido e preservado em benefício das gerações presentes e futuras. Essa diversidade cultural representa a identidade de um povo, que molda seu modo de vida de forma dinâmica e contínua Diegues (2000, p. 30).

Assim, a proteção dessa identidade requer o reconhecimento e o apoio aos detentores desse conhecimento, bem como ao contexto social e cultural no qual estão inseridos. Como afirmam Zanirato *et al.* (2007), é essencial considerar as dinâmicas de criação, renovação e transmissão cultural, promovendo políticas que garantam o respeito, a valorização e a continuidade dos saberes tradicionais.

3.3. População Tradicional

Parte-se do pressuposto de que o conceito de *populações tradicionais*, desenvolvido pelas ciências sociais e incorporado ao ordenamento jurídico brasileiro, somente pode ser plenamente compreendido com base na interface entre biodiversidade e sociodiversidade (Santilli, 2005). De acordo com Santilli (2005), essa categoria já é relativamente bem aceita e definida entre cientistas sociais e ambientais, ainda que existem desafios conceituais a serem considerados.

Alguns antropólogos apontam as dificuldades associadas ao termo, destacando a tendência em vinculá-lo a concepções de imobilidade histórica e atraso econômico. Essa perspectiva pode tornar o conceito problemático, uma vez que as populações inseridas no contexto amazônico apresentam formas de organização social diversificadas e dinâmicas. Apesar disso, a categoria *populações tradicionais* têm ganhado amplo reconhecimento em sua dimensão política e estratégica Santilli (2005).

Segundo Léna (2002), uma das dificuldades adicionais é o fato de que essa categoria é composta por diferentes grupos humanos – como quilombolas, ribeirinhos, jangadeiros, sertanejos, indígenas, entre outros – o que gera ambiguidades conceituais, ao misturar categorias nativas, sociológicas e políticas. Essas ambiguidades dificultam a formulação de políticas públicas adaptadas às especificidades de cada grupo. Enquanto algumas dessas populações já possuem um estatuto jurídico consolidado – como indígenas, seringueiros e quilombolas – outras, como os ribeirinhos, ainda enfrentam incertezas quanto ao seu reconhecimento institucional.

Léna (2002) também alerta para o caráter prático e político do debate, que vai além do campo acadêmico, pois envolve o acesso (ou não) a direitos e proteções legais. Nesse sentido, a categoria *populações tradicionais* serve como instrumento jurídico e político para contemplar grupos que, historicamente, não conseguiram afirmar publicamente sua identidade nem conquistar visibilidade institucional.

A partir da segunda metade da década de 1970, a noção de *populações tradicionais* passou a configurar-se como forma de identidade coletiva, inicialmente marcada por comportamentos de resistência frente às ameaças aos seus modos de vida. Com o tempo, essas populações assumiram também uma postura propositiva na luta por seus direitos (Sant’ana Júnior, 2004).

Neste trabalho, adota-se o termo *populações tradicionais* para designar grupos culturalmente diferenciados, que reproduzem historicamente seus modos de vida por meio da interação com o meio natural, com destaque para o uso de plantas medicinais como parte de seus sistemas de saúde tradicionais.

3.4. Etnobotânica

A abordagem entnodirigida é uma das mais utilizadas no estudo de plantas medicinais, devido ao tempo e o baixo custo de coleta das informações. Tal abordagem consiste na seleção de espécies de acordo com a indicação de grupos populacionais específicos em determinados contextos de uso, enfatizando o saber tradicional e aplicação dos recursos naturais no processo de saúde-doença. A etnobotânica é uma das disciplinas que tem se destacado no desenvolvimento de estudos de abordagem entnodirigida (Albuquerque, 2022).

Historicamente, a etnobotânica tem sido definida como “o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas” (Ford, 1978) em sistemas dinâmicos

(Alcorn, 1995). Atualmente, esta disciplina abrange o estudo das inter-relações das sociedades humanas com a natureza. Seu caráter interdisciplinar e integrador é demonstrado na diversidade de tópicos que pode estudar, aliando os fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (Albuquerque, 2022).

Neste sentido, especula-se que a origem da etnobotânica é coincidente com o surgimento da própria espécie humana, ou melhor, com início dos primeiros contatos entre a espécie e o reino vegetal. Esta é uma noção de etnobotânica que toma o conhecimento como algo próprio de uma cultura ou sociedade (Albuquerque, 2022).

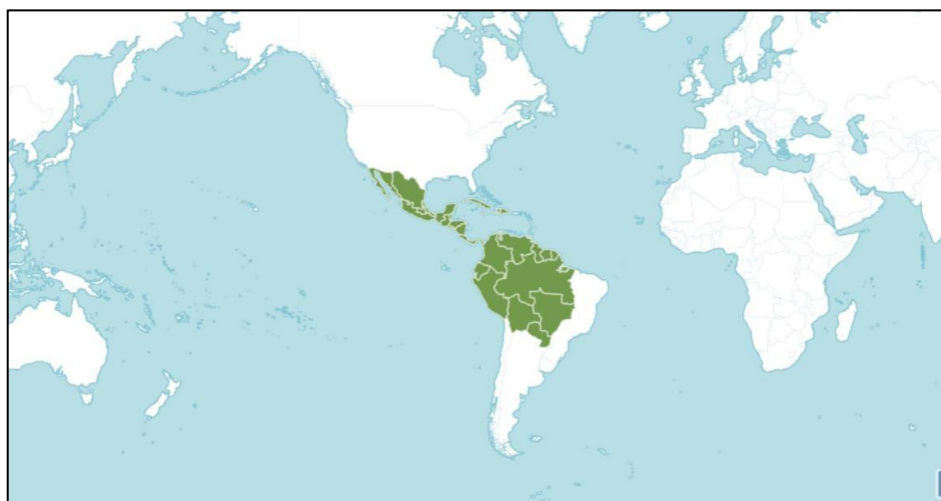
Portanto, a etnobotânica proporciona o registro do conhecimento botânico tradicional (Guarim Neto *et al.*, 2000), adquirindo para isso, caráter multidisciplinar no qual relaciona a antropologia e outras disciplinas com a botânica (Albuquerque, 1999), possibilitando m

aior esclarecimento quanto à ecologia envolvida no uso dos recursos vegetais os quais podem ser empregados como forma de desenvolvimento sustentável em unidades de conservação (Prance, 1991).

3.5. Distribuição geográfica de *Ficus insipida* Willd.

Ficus insipida Willd. é uma espécie com ampla distribuição nos Neotrópicos. Sua ocorrência estende-se da América Central até a região Andina, abrangendo também a bacia alta da Amazônia, o norte da Venezuela, Trinidad e as Pequenas Antilhas (Franco, 2002).

Figura 01. Mapa da distribuição geográfica de *Ficus insipida* Willd.



Ficus insipida Willd., conhecida popularmente como caxinguba, figueira-brava ou gameleira, é uma espécie arbórea pertencente à família Moraceae, nativa da América Tropical. Apresenta ampla distribuição em regiões de floresta úmida e está amplamente representada na flora brasileira, com ocorrência predominante na região Norte (Pederneiras *et al.*, 2017, p. 445)

De acordo com dados do projeto Reflora – Flora e Funga do Brasil (2024, *online*) a espécie está registrada nos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará e Rondônia, evidenciando sua predominância na Floresta Amazônica. Também há registros de ocorrência na região Centro-Oeste, especialmente no estado do Mato Grosso, e na região Nordeste, com destaque para o Maranhão. Em áreas de transição entre biomas, como no estado do Tocantins (entre o Cerrado e a Amazônia), a espécie pode ser encontrada em ambientes ecologicamente favoráveis, como matas ciliares e várzeas.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 área de estudo

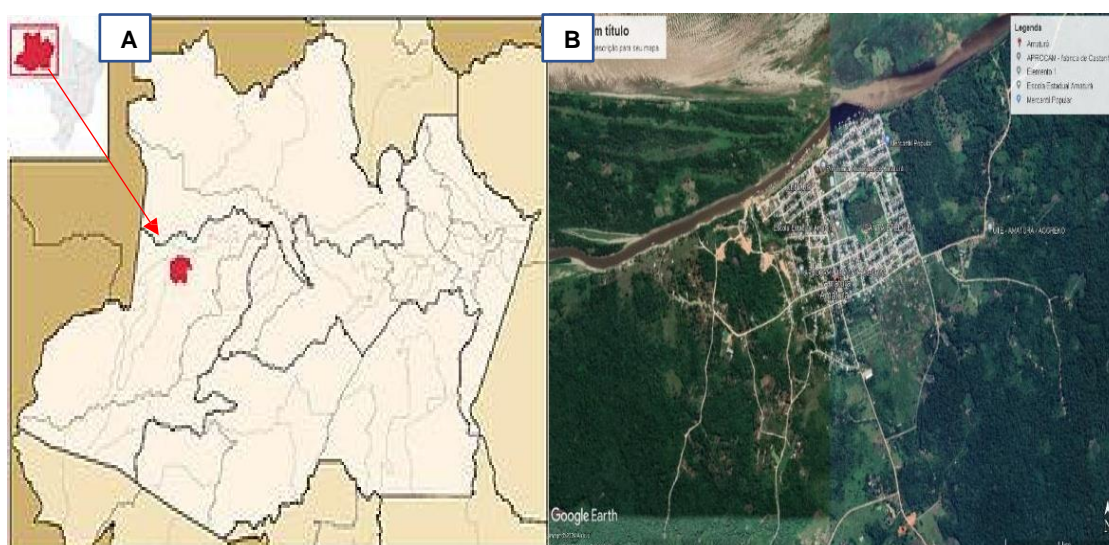
A área de estudo compreende o município de Amaturá, localizado no estado do Amazonas, na microrregião do Alto Solimões. Amaturá é um município brasileiro situado na Região Norte do país. Entretanto, a história do município não se restringe ao período recente, sendo anterior a esses registros.

São poucas as informações disponíveis sobre a história de Amaturá, com dados coletados principalmente por meio de documentos pertencentes à Igreja Católica local, atualmente dirigida pelo padre Washington, de origem colombiana.

Originalmente, Amaturá teve sua população formada por numerosos indígenas Cambevas, que habitavam toda a região onde hoje se encontra o Alto Solimões. Além disso, a região também era habitada por indígenas de outras etnias, como os Ticuna, localizados principalmente na Tríplice Fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia.

Amaturá é uma cidade localizada na margem direita do Rio Amazonas e faz parte da mesorregião do Alto Solimões, juntamente com os municípios de Jutai, Fonte Boa, Tonantins, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Benjamin Constant, Atalaia do Norte e Tabatinga, todos no estado do Amazonas. Os principais setores que movimentam a economia local são a agricultura, agropecuária, indústria, comércio e, principalmente, o setor público (IBGE, 2020).

Figura 02: Mapa do estado do Amazonas (A), Imagem de satélite do município de Amaturá (B).



Fonte: Google.maps aearth

À frente do município, (IBGE, 2020), encontra-se um igarapé onde ocorre o encontro das águas do Rio Solimões com o Igarapé Acuruí, formando um cartão-postal que encanta visitantes e moradores, lembrando paisagens semelhantes às que se vê em viagens para Manaus, capital do estado.

Segundo o IBGE (2020), Amaturá possui um território de 4.754,109 km² e está localizada a aproximadamente 1.205 quilômetros, em linha fluvial, de Manaus. O acesso ao município é feito exclusivamente por via fluvial, com um trajeto de seis dias de barco ou cerca de 26 horas de lancha. Contudo, devido aos altos custos das passagens para lancha, essa modalidade é inacessível para grande parte da população local, sendo utilizada por uma parcela reduzida dos moradores.

A palavra “Amaturá”, segundo relatos dos moradores mais antigos, tem sua origem no termo “aturá”, que designa um tipo de paneiro (cesto) confeccionado pelas primeiras comunidades indígenas da região. Esse paneiro era utilizado para transportar mandioca, farinha, frutas e outros produtos ou objetos. Na língua ticuna, “aturá” é o nome dado a esse utensílio. Devido à sua importância para a agricultura, pesca, caça e até mesmo para o transporte de crianças mata adentro, os moradores da região, indígenas ou não, desenvolveram uma forte ligação com o aturá. Por isso, os mais velhos afirmam que todos gostavam muito dos seus aturás, dando origem ao nome da cidade: Amaturá, que significa “Ama o aturá”.

4.2 Histórico da comunidade Nova Jesuanea

Figura 03: Imagem de satélite comunidade Nova Jesuanea.



Fonte: Google, maps (2024).

O estudo foi realizado na comunidade Nova Jesuanea (figura 04), localizada no interior do município de Amaturá, Amazonas, a comunidade mantém a distância cerca de 27 km por via fluvial em linha reta da sede do município. Apresenta as coordenadas geográficas em latitude -3° "23, 30" S, em longitude: - 68° "26, 37" W, é um exemplo típico de assentamento ribeirinho amazônico, onde as dinâmicas sociais, econômicas e culturais estão profundamente integradas ao ambiente natural e às tradições locais. Fundada em 2002 pelo senhor José Ramires, a comunidade é composta por 37 famílias que vivem em um contexto marcado pela subsistência, preservação cultural e interação contínua com o ecossistema amazônico. A principal religião praticada na comunidade é o Movimento da Santa Cruz.

Figura 04: Frente da comunidade Nova Jesuanea.



Fonte: GUIMARAES, E. S., 2024

A doutrina do Movimento da Santa Cruz está expressa em seus dois estatutos, elaborados por Irmão José durante seu período no Peru. Esses estatutos provavelmente se baseiam em modelos de associações católicas tradicionais, muito difundidas antes do Concílio Vaticano II, como as Filhas de Maria, os Irmãos do Santíssimo Sacramento, a Juventude Operária Católica, entre outras.

4.3 Metodologia

O presente trabalho apresenta um estudo etnobotânico da caxinguba (*Ficus insipida* Willd.), utilizada pela população ribeirinha localizada na zona rural da comunidade Nova Jesuanea, no município de Amaturá-AM.

O estudo foi realizado ao longo de 12 meses, no período de agosto de 2023 a julho de 2024. O método adotado foi de natureza qualitativo-quantitativa, conforme descrito por Marconi e Lakatos (2003, p. 83), que definem o método científico como "o conjunto das atividades sistemáticas e racionais".

O material vegetal foi coletado preferencialmente com flores e frutos, conforme recomendado por Mentz e Bordignon (2003), uma vez que amostras férteis (com flores e/ou frutos) são essenciais para a correta identificação botânica. O material coletado foi encaminhado ao laboratório de ensino e pesquisa, onde passou pelo processo de herborização, que incluiu prensagem, secagem e montagem em cartolinas padronizadas contendo as informações da planta, constituindo as exsiccatas, que foram identificadas até o nível de espécie.

Todo o material encontra-se armazenado em uma coleção científica denominada herbário, conforme orientações de Lorenzi e Matos (2008). No caso específico deste estudo, as amostras estão depositadas no laboratório de pesquisa do Herbário Didático de Botânica Aplicada (HEDIBOTA), vinculado ao Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas (CESTB/UEA).

4.4 Coletas de dados

Inicialmente, foi realizado um reconhecimento prévio da área de estudo. Em seguida, solicitou-se autorização ao presidente da comunidade para a realização da pesquisa, sendo iniciadas entrevistas semiestruturadas, por meio da aplicação de questionários a 30 famílias. Os entrevistados foram homens e mulheres com idades entre 25 e 60 anos.

A escolha dos informantes foi realizada utilizando-se a técnica “bola de neve” (*snowball*), caracterizada como uma amostragem não probabilística, em que os participantes são selecionados intencionalmente, com base em sua experiência ou conhecimento sobre o objeto de estudo (Albuquerque et al., 2014a). A partir de um morador indicado inicialmente, cada participante recomendava outro, e assim sucessivamente, até que se atingisse o número de entrevistados desejado.

Os critérios de inclusão exigiam que os participantes tivessem idade igual ou superior a 18 anos, sem restrições adicionais quanto à faixa etária. Ao final, os dados obtidos foram organizados, tabulados e analisados, visando compreender a relação entre os saberes tradicionais e o uso da caxinguba pela comunidade local.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. Características Botânicas da Família Moraceae

Ervas, arbustos, árvores ou lianas, geralmente latescentes. Folhas alternas simples com estípulas em geral terminais, margem lisa. Inflorescência geralmente espiciforme, racemiforme ou formando um sicônio (*Ficus*). Flores não vistosas, unissexuadas (plantas monoicas ou dioicas), actinomorfas, monoclamídeas ou raramente aclamídeas; cálice 4-5 (-8)-mero. Gamossépalo ou dialissépalo; estames 1-59 (-15), opositissépalos, livres entre si, anteras rimosas; ovário supero ou ínfero, geralmente bicarpelar e unilocular, placentação pendula ou raramente parietal, uni ovulado. Fruto drupa ou aquênio, às vezes formando uma infrutescência (Souza e Lorenzi, (2019).

6.2. Características da espécie

Ficus insipida Willd.

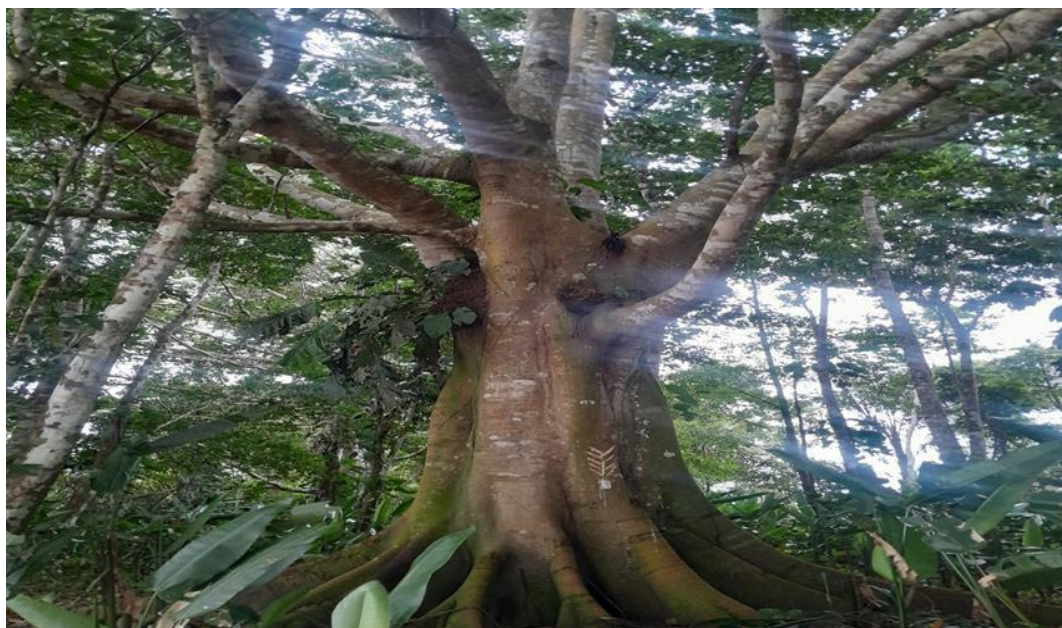
Sinônimos: *Ficus anthelmintica* Mart., *Ficus glabrata* Kunth, *Ficus segoviae* Miq., *Ficus mexicana* (Miq.) Miq. *Ficus radulina* S. Watson, *Ficus crassiuscula* Warb. ex Standl., *Pharmacosycea angustifolia* Liebm.

Apuí-açu, caxinguba, coaxinguba. Figueira, figueira-do-mato, figueira-branca, gameleira-branca, gameleira-roxa, lombrigueira, figueira-do-brejo, mata-pau.

Características gerais – árvore latescente (figura 05), dotada de copa ampla e aberta, com tronco curto, nativa de quase todo o território brasileiro em várias formações vegetais de várzeas úmidas e inundáveis. Folhas longo-pecioladas,

coriáceas, glabras em ambas as faces, com estípulas estreitas e atenuadas. Receptáculos floríferos subsésseis, globosos. Infrutescências (sicônio) (figura 06), obovoides, lisas. Multiplica-se tanto por sementes como por estacas. Existem outras espécies deste gênero com características semelhantes e usadas também com a mesma finalidade, destacando-se *Ficus gardneriana* (Miq.) Miq. e *Ficus gomeleira* Kunth & C.D. Bouché (Lorenzi, 2008).

Figura 05: Árvore de *Ficus insipida* Willd.



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2024

Figura 06: Frutos da *Ficus insipida* Willd. A. Frutos fechados. B. Frutos abertos



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2024.

6.3. Para a classificação taxonômica, foi utilizado segundo a classificação de Cronquist (1981).

- Reino: Plantae
- Divisão: Magnoliophyta
- Classe: Magnoliopsida
- Ordem: Rosales
- Família: Moraceae
- Gênero: *Ficus*
- Espécie: *Ficus insipida* Willd.

6.4 Entrevistas à comunidade Nova Jesuanea

Durante a pesquisa, foram realizadas entrevistas e observações com moradores locais (figura 07), incluindo curandeiros, anciãos e outros detentores de conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. O estudo etnobotânico quantitativo sobre o uso da *Ficus insipida* Willd. pela comunidade Nova Jesuanea visa compreender a importância cultural, medicinal e econômica dessa espécie para os moradores locais. A pesquisa inclui a coleta de dados por meio de entrevistas com os habitantes, buscando identificar o conhecimento tradicional e as práticas associadas à planta (Figura 07).

Figura 07: Aplicação do questionário com os moradores da comunidade.



Fonte: GUIMARAES, E. S., 2024.

A caxinguba foi identificada como uma planta amplamente utilizada na medicina tradicional da comunidade, especialmente para o tratamento de problemas causados por nematódeos, inflamações e infecções. Folhas, casca e látex são empregados em preparações caseiras, como chás e pomadas.

Além dos usos medicinais, a pesquisa evidenciou o valor cultural significativo da caxinguba, frequentemente mencionada em mitos e histórias locais, o que destaca seu papel na identidade cultural da comunidade. O conhecimento sobre o uso da planta é transmitido oralmente de geração em geração, preservando a sabedoria ancestral.

O estudo também ressaltou a importância da conservação da caxinguba e de outras plantas medicinais locais. A crescente pressão sobre os recursos naturais e a perda de habitat representam ameaças à disponibilidade dessas espécies.

Este estudo etnobotânico não apenas contribuiu para o avanço do conhecimento científico sobre a caxinguba, mas também reforçou a necessidade de valorizar e preservar os saberes tradicionais das comunidades amazônicas. A documentação e análise desses conhecimentos são fundamentais para a conservação da biodiversidade e para o desenvolvimento de práticas sustentáveis que beneficiem tanto a comunidade local quanto a ciência.

Foi possível observar que os moradores vivem em casas simples e muitos ainda preservam seu modo de vida tradicional, com os ensinamentos sendo transmitidos de pai para filho, especialmente no que diz respeito à cultura local. Tanto homens quanto mulheres contribuem para a renda familiar, cuja principal fonte é a agricultura, incluindo a criação de pequenos bovinos, cultivo de mandioca e plantio de banana. Além disso, os homens se dedicam à pesca para suprir as necessidades alimentares de suas famílias, o que representa o modo típico de subsistência das comunidades ribeirinhas amazônicas.

No Brasil, o uso de plantas com fins medicinais foi disseminado principalmente pela cultura indígena. Os indígenas, assim como a população em geral, utilizam plantas medicinais no tratamento de diversas doenças (Veiga-Júnior, 2008).

Na comunidade, a caxinguba possui diversas utilidades, não se restringindo apenas ao uso medicinal dos moradores. Um morador relatou que o fruto da planta é utilizado como alimento para os peixes criados em açudes, sendo uma fonte de grande valor nutricional para eles.

Para as famílias, essa planta é amplamente utilizada como vermífugo desde os primórdios de seus antepassados. Esse conhecimento tradicional sobre a utilização da caxinguba é transmitido de geração em geração. Apesar de alguns moradores terem abandonado o costume de tratar vermes com a planta, optando pelo uso de medicamentos farmacêuticos, a grande maioria ainda prefere utilizar a caxinguba para esse fim.

O *Ficus insipida* Willd. é bastante comum nas proximidades das margens dos rios, em áreas de várzea. Por ser uma árvore de grande porte, que se adapta facilmente a ambientes úmidos, apresenta altura entre 10 e 20 metros e possui copa ampla. Suas folhas são alternas, espiraladas, elípticas a ovaladas e coriáceas.

A extração do látex da *Ficus insipida* Willd. (caxinguba) é realizada manualmente pelas famílias ribeirinhas da comunidade Nova Jesuanea, localizada no interior do município de Amaturá - AM. Essa atividade está integrada ao modo de vida local e é transmitida de geração em geração como parte do saber popular tradicional amazônico.

O processo consiste em realizar incisões superficiais na casca do tronco da árvore adulta, utilizando ferramentas simples, como facões ou facas. O látex esbranquiçado escorre naturalmente e é coletado em pequenos recipientes posicionados logo abaixo do corte. A prática é realizada com cuidado para não causar danos à árvore, permitindo sua regeneração e garantindo o uso sustentável dos recursos naturais, conforme ilustrado na figura 08.

Figura 08. Realização de incisões da casca de *Ficus insipida* Willd. (caxinguba).



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

Após a extração da planta, o látex de *Ficus insipida* Willd. (caxinguba) é armazenado de forma simples e tradicional pelas famílias da comunidade, respeitando os saberes locais. O líquido espesso e branco é coletado diretamente em recipientes — geralmente potes ou latas limpas — colocados sob os cortes feitos no tronco da árvore. Após a coleta, o látex (figura 09) é armazenado temporariamente em recipientes fechados, como garrafas plásticas reutilizadas ou frascos com tampa, a fim de protegê-lo da contaminação por poeira, insetos ou umidade excessiva.

Figura 09: Látex de *Ficus insipida* Willd. (caxinguba).



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

É importante que o armazenamento ocorra em local fresco e sombreado, a fim de evitar o endurecimento precoce ou a fermentação do látex. Caso o material precise ser transportado ou conservado por um período mais longo, pode-se empregar um processo simples de homogeneização ou filtragem para remover impurezas maiores — embora esse procedimento possa variar conforme o uso pretendido, especialmente quando se trata de aplicações medicinais.

Tabela 1: Uso tradicional de *Ficus insipida* Willd. (caxinguba).

Nome científico	Nome popular	Partes utilizadas	Forma de preparo
<i>Ficus insipida</i> willd.	caxinguba	látex e frutos	Ingerido com chá de capim-santo (<i>Cymbopogon citratus</i>)

Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

Lorenzi (2008), manifesta que a planta é também empregada na medicina caseira de algumas regiões. Com base nas tradições seu látex é considerado anti-helmíntico, tendo, porém, ação purgativa drástica e até mesmo corrosiva, sendo recomendado também contra ancilostomose e no tratamento de icterícia. Aos frutos são atribuídos propriedades afrodisíacas e estimulantes da memória.

Segundo Matta (1930) a guaxinguba, caxinguba, coajinguva, lombrigueira ou uapim-uassu fornece uma seiva lactescente, de cheiro sui generis, cor esbranquiçada e sabor levemente acre. Essa seiva é composta por água, substâncias coriáceas, resina mole, caucho, além de diversos ácidos e sais orgânicos e inorgânicos.

É reconhecida por sua ação anti-helmíntica, apresentando bons resultados no tratamento da ancilostomíase. O uso recomendado é de 3 a 6 dias consecutivos, em doses de uma colher de chá conforme a idade, sempre pela manhã em jejum, acompanhada de mel ou chá de capim-santo (*Cymbopogon citratus*). Em doses maiores, atua como purgativo drástico (Peckolt, 1888).

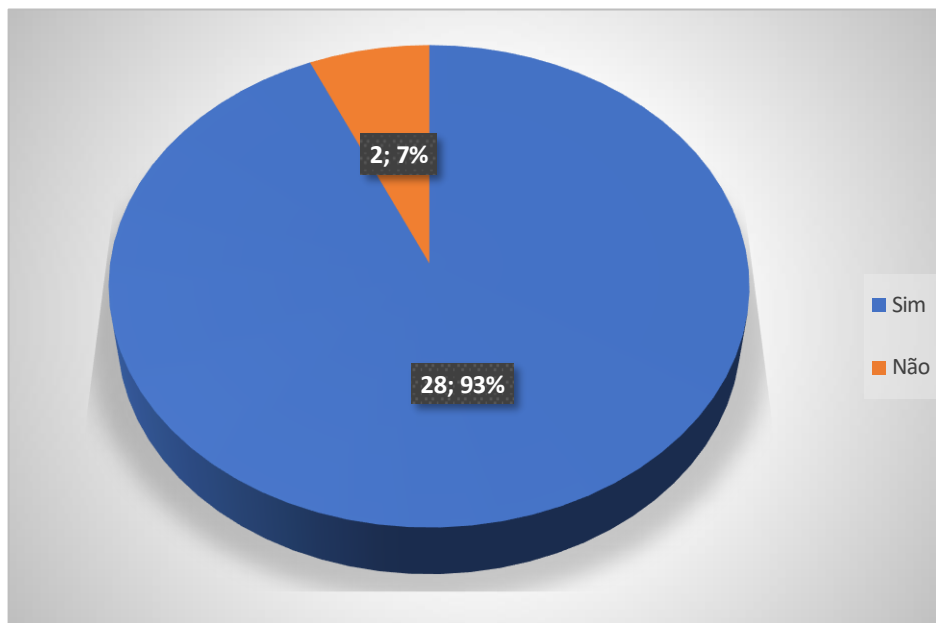
No Brasil, os índios utilizavam as figueiras nativas como fonte de medicamento para o tratamento de verminoses, em especial as pertencentes ao subgênero *Pharmacosycea*. A etnia indígena Jurupixunos confeccionavam tangas utilizando cascas da espécie *Ficus insipida* Willdenow., sendo sua madeira empregada na confecção de canoas (Peckolt; Peckolt, 1888).

O estudo etnobotânico sobre a utilização da “caxinguba”, utilizada pelas famílias da comunidade, apresentou resultados bastante positivos. Observou-se que a maioria das famílias entrevistadas ainda mantém e preserva os saberes tradicionais e os ensinamentos herdados de seus ancestrais e avós acerca do uso de plantas medicinais em seu cotidiano.

A questão 01 representada (gráfico 01) que teve como objetivo verificar o grau de conhecimento das famílias da comunidade Nova Jesuanea sobre a “caxinguba” (*Ficus insipida* Willd).

Gráfico 1: Conhecimento da planta *Ficus insipida* Willd. “caxinguba” pelas famílias entrevistadas.

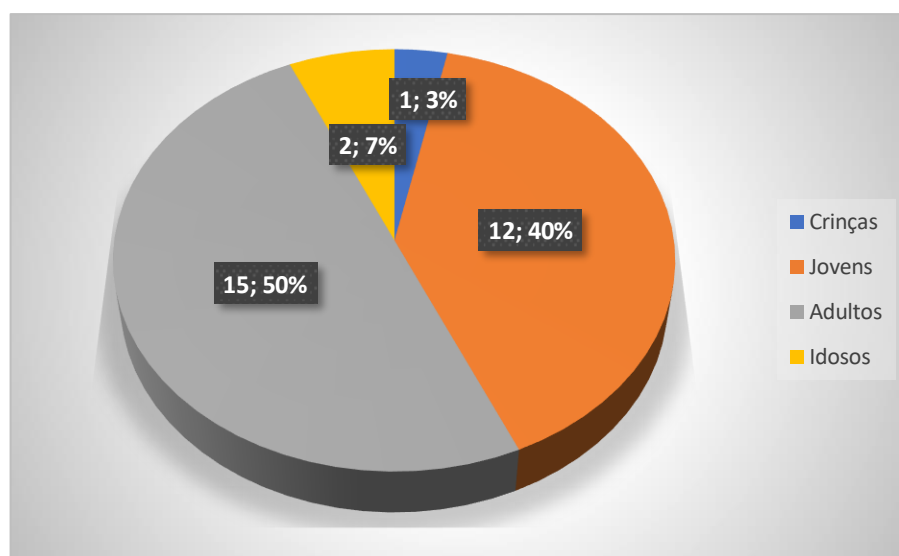
No entanto, o referido gráfico 01, evidencia-se o papel da caxinguba como um elemento tradicional presente no cotidiano das famílias da comunidade, especialmente entre os moradores mais antigos.



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

Esses relataram experiências relacionadas à coleta do látex da planta, com 28 famílias (93%) afirmando ter esse conhecimento, enquanto apenas 2 famílias (7%) declararam não o conhecer. A transmissão desse saber tem sido fundamental para sua preservação. No entanto, o pequeno percentual de desconhecimento observado pode indicar uma possível redução na continuidade desse conhecimento ao longo do tempo.

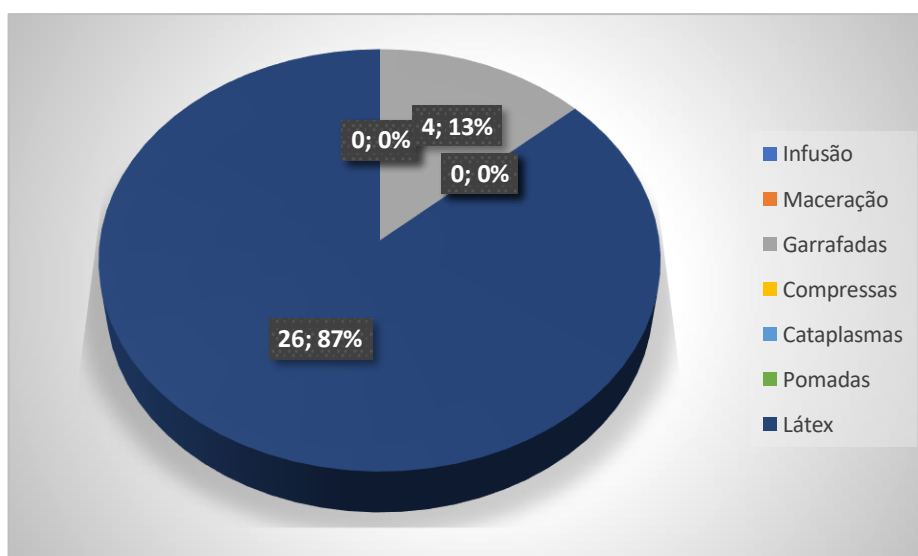
Gráfico 02: Apresenta o resultado da (questão 03) sobre a faixa etária predominante no uso da “caxinguba”.



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

A análise da faixa etária predominante no uso da caxinguba revelou que os adultos concentram a maior parte do uso (50%), seguidos pelos jovens (40%), conforme mostra acima o (gráfico 02). Essa predominância entre adultos e jovens, que juntos somam 90% dos entrevistados, indica que o conhecimento e a prática de uso da planta estão fortemente presentes nas gerações em idade produtiva. A participação de idosos (6,7%) e crianças (3,3%) foi consideravelmente menor, o que pode estar relacionado tanto a fatores culturais quanto à dinâmica de transmissão dos saberes tradicionais. Esse padrão sugere que a caxinguba continua sendo utilizada principalmente por adultos que, possivelmente, desempenham o papel de reprodutores e transmissores desse conhecimento às gerações mais novas.

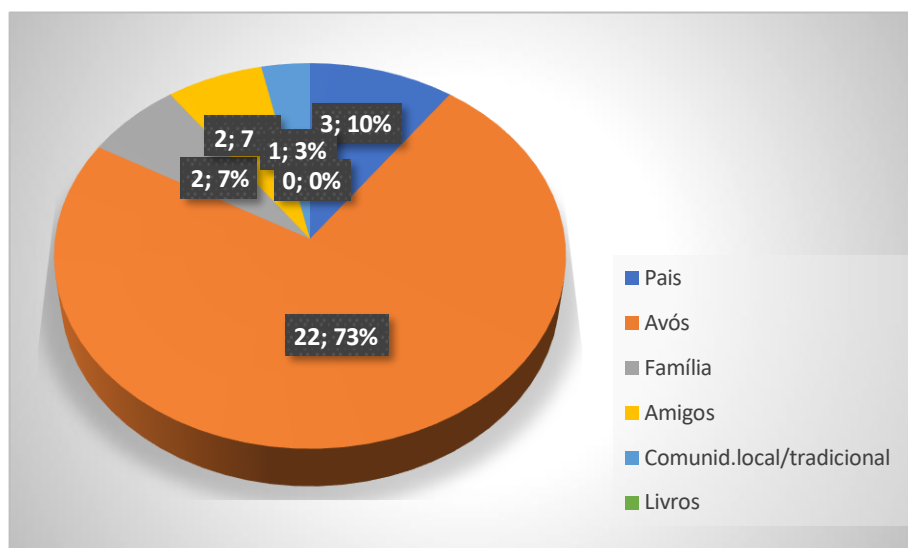
Gráfico 03: Forma de utilização da “caxinguba”.



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

Na resposta da questão 04, conforme o (gráfico 03) acima, sobre a forma de utilização medicinal da caxinguba (*Ficus insipida* Willd.), observou-se que a grande maioria dos entrevistados (87%) mencionou o uso do látex como principal recurso terapêutico proveniente da planta. Esse número corresponde a 26 dos 30 participantes da pesquisa. A segunda forma de uso registrada foi a elaboração de garrafadas, citada por 4 pessoas, o que representa 13% do total. Nenhum dos entrevistados relatou o uso da caxinguba por meio de decocção, infusão, maceração, compressas, cataplasmas ou pomadas, indicando ausência de conhecimento ou prática local dessas formas tradicionais.

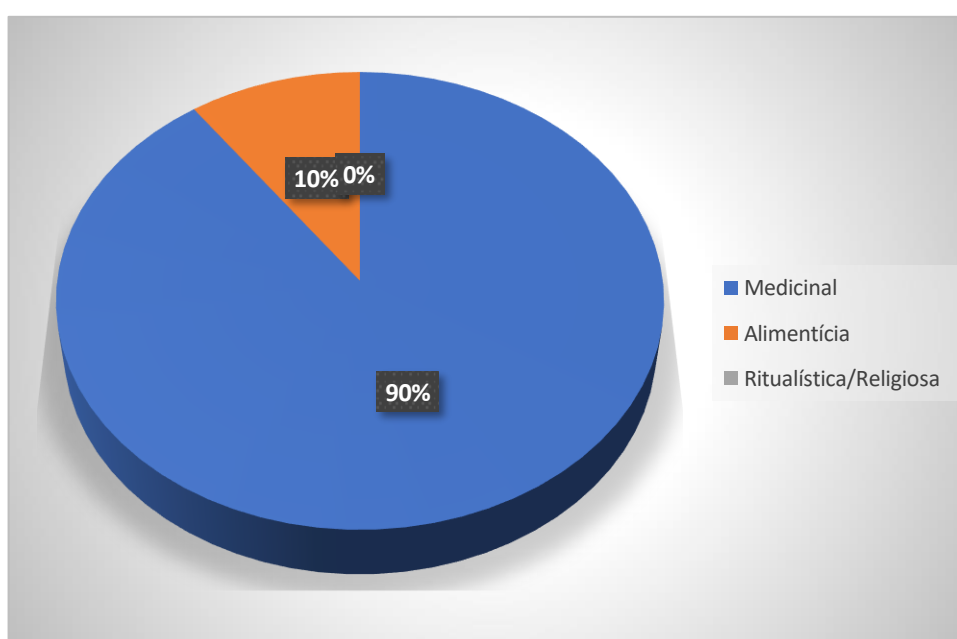
Gráfico 4: Por influência de quem você começou a fazer o uso desta planta?.



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

O Gráfico 04 acima ilustra as respostas à pergunta 06: “Por influência de quem você começou a fazer o uso desta planta?”. Observa-se que 73,3% dos entrevistados atribuíram o aprendizado do uso da planta aos avós, enquanto 10% indicaram os pais. Outros 6,7% relataram ter sido influenciados por outros membros da família, e mais 6,7% por amigos. Apenas 3,3% mencionaram a comunidade local ou tradicional como fonte de influência. Nenhum dos participantes declarou ter aprendido sobre o uso da planta por meio de livros, evidenciando o predomínio da transmissão oral e familiar dos conhecimentos tradicionais.

Gráfico 5: Finalidade do uso da caxinguba, segundo os entrevistados.

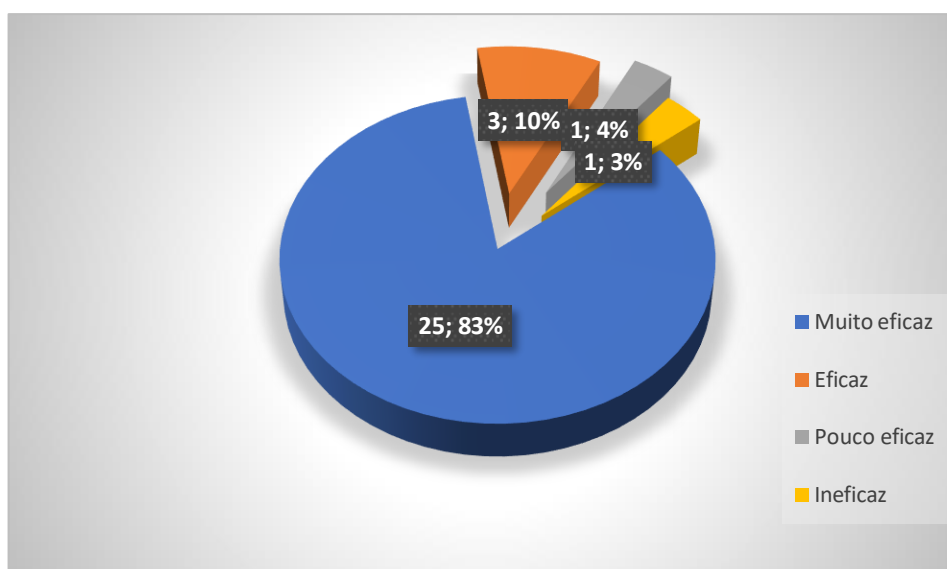


Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

Conforme é apresentado no (gráfico 5), 90% dos entrevistados indicaram a finalidade medicinal como a principal forma de utilização da caxinguba. Entre os usos relatados, destacam-se o emprego do látex e de partes da planta no tratamento de problemas respiratórios, dores musculares e feridas, como manifestado por Lorenzi (2008).

A finalidade alimentícia foi mencionada por 10% dos respondentes, geralmente associada ao consumo ocasional dos frutos por algumas espécies animais e, em menor escala, por seres humanos. Já os usos ritualísticos ou religiosos não foram mencionados por nenhum participante e não foi possível obter nenhuma informação.

Gráfico 6 : Percepção sobre a eficácia da caxinguba como vermífugo.

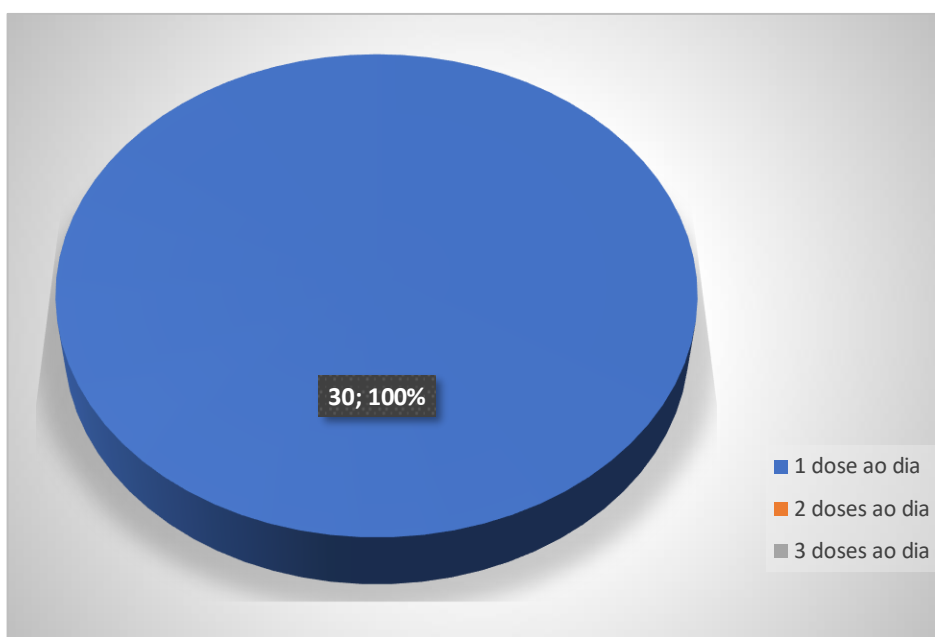


Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

De acordo com os relatos coletados junto às famílias que utilizam a planta com essa finalidade, observou-se que 83% classificou-se a eficácia da caxinguba como muito eficaz, 10% como eficaz, 4% como pouco eficaz e apenas 3% a consideraram ineficaz. Esses dados indicam uma alta aceitação e confiança da comunidade na ação vermífuga da planta, reforçando seu papel como um recurso terapêutico tradicional e de baixo custo.

A predominância dos relatos positivos sugere que a caxinguba pode ter um potencial significativo no controle de parasitoses intestinais, especialmente em contextos nos quais o acesso à medicina convencional é limitado. No entanto, ressalta-se a importância da realização de estudos complementares que possam validar cientificamente sua eficácia e segurança para um uso mais amplo.

Gráfico 7: Quantidade de doses diárias utilizadas pelos moradores da comunidade Nova Jesuanea no tratamento de vermes.



Fonte: GUIMARÃES, E. S., 2025.

De acordo com os resultados obtidos (gráfico 7) acima 100% dos entrevistados afirmaram utilizar apenas 1 dose de uma colher de chá por dia durante 3 dias na semana no tratamento. As demais opções — 2 doses ao dia e 3 doses ao dia — não foram mencionadas por nenhum dos participantes, correspondendo a 0% das respostas para ambas.

Esses dados evidenciam uma prática homogênea entre os moradores no que se refere à posologia adotada. A administração de dose única diária é, portanto, a única prática relatada, o que pode estar relacionado à orientação recebida nos serviços de saúde, à facilidade de adesão ao tratamento ou ao conhecimento tradicional da comunidade sobre o uso de medicamentos antiparasitários.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal investigar o uso etnobotânico de *Ficus insipida* Willd. (popularmente conhecida como caxinguba) pela população da comunidade Nova Jesuanea, localizada no município de Amaturá, estado do Amazonas. Por meio de entrevistas semiestruturadas e observações de campo junto às famílias locais, foi possível evidenciar a relevância dessa espécie vegetal na prática

medicinal tradicional, sobretudo no tratamento de verminoses, bem como seu significado simbólico e cultural dentro do cotidiano comunitário.

Os resultados obtidos revelam que a caxinguba é amplamente reconhecida e utilizada pelos moradores da comunidade, com o conhecimento acerca de suas propriedades terapêuticas, modos de preparo e dosagem sendo transmitido oralmente de geração em geração. Tal processo de transmissão demonstra não apenas a riqueza do saber tradicional, mas também a estreita relação entre as famílias e o ambiente natural que lhes serve de base para sustento e bem-estar. Essa interação reflete uma cosmovisão na qual a natureza é entendida como fonte de cura e identidade cultural.

É fundamental, portanto, destacar a necessidade premente de valorizar, documentar e preservar os saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais. Em um contexto global marcado pela crescente urbanização, modernização dos serviços de saúde e a conseqüente desvalorização das práticas culturais locais, iniciativas de pesquisa etnobotânica como esta assumem papel estratégico para o fortalecimento da identidade comunitária e para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

Ademais, o reconhecimento e a sistematização do conhecimento tradicional podem fomentar o diálogo intercultural entre saberes populares e científicos, abrindo espaço para práticas integrativas e sustentáveis no manejo da biodiversidade amazônica. Este tipo de integração respeita e valoriza os modos de vida das populações tradicionais, assegurando a conservação dos recursos naturais e o fortalecimento da autonomia dessas comunidades.

Por fim, a proteção e o incentivo ao uso consciente de plantas medicinais, como a caxinguba, representam ações essenciais não apenas para a manutenção da saúde comunitária, mas também para a preservação dos ecossistemas amazônicos e dos saberes ancestrais que se encontram intrinsecamente vinculados à floresta. A continuidade desses saberes contribui para a resiliência cultural e ambiental, apontando caminhos promissores para o desenvolvimento sustentável e a justiça social nas regiões amazônicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. p. 39–64.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2014a.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **A aparência pode afetar o uso de plantas por populações locais em florestas tropicais?** Interciência, Caracas, v. 30, n. 8, p. 506–511, 2005.
- ALBUQUERQUE, U. P.; JÚNIOR, W. S. F (Orgs.). **Introdução à etnobotânica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2022. 150 p. ISBN 978-65-89367-35-2.
- ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. **As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas**. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, Brasília, v. 16, supl., p. 678–689, dez. 2006.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais**. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 13, n. 3, p. 307–315, 1999.
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. L. **Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, Pará, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Botânica, Belém, v. 4, n. 1, p. 47–131, 1988.
- AMOROZO, M. D. M, & VIERTLER, R. B (2008). **Uma abordagem qualitativa para a coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia**. *Métodos e técnicas em pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPPEA, 1, 65-82. Acesso em: 9 jun. 2025.
- ALEXIADES, M. N. **Coleta de dados etnobotânicos: uma introdução aos conceitos e técnicas básicas**. *Advances in Economic Botany* , 1996, vol. 10, p. 53-94.

ALMASSY JR, A. A. **Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto - MG.** 132 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

ALCORN, J. B. **O escopo e os objetivos da etnobotânica em um mundo em desenvolvimento.** *Etnobotânica: evolução de uma disciplina*, 1995, p. 23-39.

CABALLERO, J. In: Barreira A. (Ed.). **La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva.** INIREB, Xalapa, 1979. p. 27-30.

CASAGRANDE, A. **Plantas medicinais e ritualísticas utilizadas pela comunidade do Morro da Cruz,** Porto Alegre-RS. 2009.

CAJAÍBA, RL, da Silva, WB, de Sousa, RDN, & de Sousa, AS (2016). **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Uruará,** Pará, Brasil. *Biotemas* , 29 (1), 115-131.

DI STASI, L. C.; GUIMARÃES, E. M.; SANTOS, C. M.; HIRUMA-LIMA, C. A. **Lamiales medicinais.** In: DI STASI, L. C. et al. *Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica.* São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 406-448.

ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas.** In: Simões, C.M.O.(org). *Farmacognosia: da planta ao medicamento.* Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. p. 87-99.

FRANCO, Juanita. **Etnobotânica da Yanchama (Ficus spp.: MORACEAE) Amazonas, Colômbia.** Tese. Faculdade de Ciências, Pontifícia Universidade Javeriana. Bogotá, 2002.

FREITAS, A. V. L, et al. **Plantas medicinais: um estudo etnobotânico no município de Sítio Cruz,** São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências* , 2012, vol. 10, não. 1, pág. 48-48.

FORD, R. I. **Ethnobotany: historical diversity and synthesis.** In: FORD, R. I. (Ed.). *The nature and status of ethnobotany.* Ann Arbor: Museum of Anthropology, University of Michigan, 1978. p. 33–49. (Anthropological Papers, n. 67).

FORD, R. I., org. **A Natureza e o Status da Etnobotânica**. Artigos Antropológicos, n. 67. Ann Arbor (MI): Museu de Antropologia, Universidade de Michigan, 1978. 428p.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. **Reflora – Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 25 junho. 2025.

GOTTLIEB, O. R.; BORIN, M. R. M. B.; PAGOTTO, C. L. A. C.; ZOCHER, D. H. T. **Leading motives of recent studies on Brazilian biodiversity**. In: Acta Horticulturae, v. 500, p. 169–175, 1996.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J. V. B. **Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu**. Acta Botanica Brasilica, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 327–334, dez. 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades: Amaturá (AM)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/amatura/panorama>. Acesso em: 18 abril. 2025.

LOBATO, G. D. J. M.; LUCAS, F. C. A.; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; JARDIM, M. A. G.; MARTORANO, L. G. **Diversidade de uso e aspectos socioambientais de quintais urbanos em Abaetetuba, Pará, Brasil**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 12, n. 2, p. 95–105, 2017. Disponível em: <https://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/50029>. Acesso em: 8 jun. 2025.

LÉNA, P. **As políticas de desenvolvimento sustentável para a Amazônia: problemas e contradições**. *Rede Amazônia – diversidade sociocultural e políticas ambientais*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 9–21, 2002.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 576 p.

MATTA, A. **Caxinguba – Ficus (subgênero Pharmacosycea) an I. helminthica Mart. (Moráceas)**. In: Árvores e plantas úteis. [S.l.]: Biblioteca Digital de Obras Raras – UFRJ, [1930 ca.]. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a methods manual**. London: Chapman & Hall, 1995. 268 p.

MARTINS, Anderson Geber, et al. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil**. 2005.

MENTZ, L. A.; BORDIGNON, S. A. **Importância da coleta e da correta identificação do material vegetal**. In: SIMÕES, C. M. O. et al. (Org.). *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 5. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2003. p. 67–84.

OLIVEIRA, Flávia Camargo de, et al. **Avanços na pesquisa etnobotânica no Brasil**. *Acta botânica brasileira*, 2009, vol. 23, pág. 590-605.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Diretrizes gerais para metodologias de pesquisa e avaliação da medicina tradicional**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2000. 74 p. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/66783>. Acesso em: 8 março. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Diretrizes sobre Boas Práticas Agrícolas e de Coleta (GACP) para Plantas Medicinais**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2003. ISBN 9241546271. Disponível em: https://www.who.int/medicines/areas/traditional/gacp_medicinal_plants/en/. Acesso em: 8 jun. 2025.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. **Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do Rio Aricá-Açu), MT, Brasil**. *Acta Botanica Brasilica*, v. 19, n. 2, p. 195–207, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/ij/abb/a/MFvqkhmsNpvMLTZQWpKwFZh/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

PEREIRA, B. E; DIEGUES, A. C. **Conhecimento de povos tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação**. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 22, 2010.

PECKOLT, T.; PECKOLT, G. **História das plantas medicinais e úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1888. 918 p.

PEDERNEIRAS, L.C.; MACHADO, A.F.P.; SANTOS, O.D.A. *Ficus*. In **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2022. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB138250>>. Acesso em: 29 mai. 2025.

PINTO, A. C., et al. **Produtos naturais: atualidades, desafios e perspectivas**. *Química nova*, 2002, vol. 25, p. 45-61.

POSEY, D. A.; DUTFIELD, G. **Além da propriedade intelectual: em direção aos direitos de recursos tradicionais para povos indígenas e comunidades locais**. (1996).

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais**. *Ciência e Agrotecnologia*, Lavras, v. 25, n. 1, p. 102–123, jan./fev. 2001.

SANTILLI, J. (2005). **Mecanismos de proteção dos conhecimentos tradicionais e repartição de benefícios**. *Seminário Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia, Anais...*, Belém: CESUPA: MPEG.

SANT'ANA JÚNIOR, H. A. **Socioambientalismo e desenvolvimento na Amazônia: o caso do Acre**. [S.l.: s.n.], 2004. (Artigo, Sociologia; Universidade Federal do Maranhão). ISSN 0104-8740.

SILVA, A. C. M. **Herbário na escola: a confecção de exsicatas como forma de educação ambiental**. Medianeira. Ano 2017. Acessado: 26/08/2022 Lira, M.M.;

SILVA, M. L. S; BAPTISTA, G. C. S. **Conhecimento tradicional como instrumento para dinamização do currículo e ensino de ciências**. *Gaia scientia*, 2018, vol. 12, no 4, p. 90-104.

SILVA, V. A.; ALBUQUERQUE, U. P.; NASCIMENTO, V. T. **Técnicas para análise de dados etnobotânicos**. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. 2. ed. Recife:

Comunigraf/NUPEEA, 2008. p. 127–143. Disponível em: <link-do-pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**. 4.ed. Nova Odessa, SP: Jardim Botânico Plantarum, 2019.

TOMCHINSKY, Bernardo et al. **Impactos da legislação na pesquisa etnobotânica no Brasil, com ênfase na Região Amazônica**. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 5, n. 3, p. 734-761, 2013.

VÁSQUEZ, P. F, MENDONÇA, M. S, NODA, S. N. **Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil**. Acessado: 16/05/2024.

VEIGA-JUNIOR, V. F. **Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população**. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 18, n. 2, p. 308–313, 2008.

ZANIRATO, S. H., & RIBEIRO, W. C. (2007). **Conhecimento tradicional e propriedade intelectual nas organizações multilaterais**. *Ambiente & Sociedade*, 10, 39-55.

ANEXOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA - CESTB
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Questionário de campo

Nome: _____ Nº _____

Idade: _____ Data: _____

- 1) Você conhece a planta Caxinguba?
() Sim () Não
- 2) Em que tipo de ambiente você costuma encontrar esta planta?
() Igapó () Terra firme () Campos () Várzea () Outro (especificar)
- 3) Para você, qual a faixa etária predominante no uso da Caxinguba :
() Crianças () Jovens () Adultos () Idosos
- 4) Você utilizou ou utiliza medicinalmente esta Planta de qual forma: Chás;
() Decocção () Infusão () Maceração () Garrafadas () Compressas
() Cataplasmas () Pomadas () Látex
- 5) Com que frequência você utiliza esta planta?
() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente
() Raramente () Nunca
- 6) Por influência de quem você começou a fazer uso desta Planta?
() Pais () Avós () Família () Amigos () Comunidade local/tradicional
() Livros () Outros (especificar)
- 7) Para quais finalidades você utiliza esta planta? (Pode escolher mais de uma opção)
() Medicinal () Alimentícia () Ritualística/Religiosa () Cosmética
() Outros (especificar)
- 8) Em sua opinião, qual é a eficácia desta planta para os fins a que é utilizada?
() Muito eficaz () Eficaz () Pouco eficaz () Ineficaz

- 9) Você considera que o uso desta planta representa riscos à saúde?
() Sim () Não
- 10) Você tem alguma restrição ou recomendação específica sobre o uso desta planta?

- 11) Que quantidade de doses são utilizadas no tratamento de uma pessoa por dia?
() 1 doses ao dia () 2 doses ao dia () 3 doses ao dia () Outros
(especificar)
- 12) Como é feita a extração do látex da Caxinguba?
() Manual () Objetos cortantes () Maquinas () Outros (especificar)
- 13) Ao iniciar o tratamento com a planta caxinguba, conforme o tempo é possível observar algum resultado positivo da ação da planta no organismo?
() Sim () Não
- 14) No tratamento de verminose com seus familiares os senhores utilizam:
() Caxinguba () Medicamento de farmácia () Outros (especificar)